



+COELHO, UMA PARCERIA DE NOVE INSTITUIÇÕES EMPENHADAS NUMA ABORDAGEM MULTIDISCIPLINAR PARA O CONTROLO DA DOENÇA HEMORRÁGICA VIRAL E A RECUPERAÇÃO DO COELHO-BRAVO

Mónica V. Cunha^{1*}, Nuno Canada¹, José Manuel Costa², Maria João Fradinho², Ana Hora³, Jacinto Amaro⁴, João Carvalho⁵, Fernando Castanheira Pinto⁶, António Roldão⁷, Margarida D. Duarte^{1*}

Papel Ecológico e Importância do Coelho-Bravo

O coelho-bravo ou coelho Europeu (*Oryctolagus cuniculus*) é uma espécie basilar nos ecossistemas Mediterrânicos, que ocorre numa notável diversidade de contextos ecológicos, exercendo uma atividade fundamental como engenheiro de ecossistemas, dispersando sementes, modificando a estrutura da paisagem e contribuindo para uma maior diversidade de plantas e das comunidades de invertebrados e vertebrados. É uma espécie estruturante da comunidade de carnívoros da Bacia Mediterrânica, atuando como presa preferencial de um vasto número de espécies de predadores da Península Ibérica. Do coelho-bravo depende a sobrevivência do lince Ibérico (*Lynx pardinus*) e da águia imperial (*Aquila adalberti*), entre muitas outras espécies de mamíferos e aves que ocupam lugares decisivos em diversas cadeias tróficas.

O coelho-bravo é também uma das principais espécies cinegéticas no quadro venatório nacional e Ibérico, com elevado valor cultural e gastronómico, mobilizando anualmente milhares de caçadores para o ato venatório. Tem, por isso, um impacto relevante nos sistemas socioeconómicos regionais e locais subjacentes à atividade cinegética e um papel determinante na fixação das populações ao mundo rural, através das atividades periféricas à caça, contrariando a desertificação. Da exploração cinegética do coelho-bravo decorrem transações financeiras significativas resultantes das taxas pagas pelas zonas de caça, das cartas de caçador, licenças de caça, quotas, seguros, armamento e munições, acessórios de caça, publicações especializadas, bem como provenientes do setor do vestuário, taxidermia, restauração e hotelaria, como evidenciou recentemente um estudo intitulado "O valor económico da Caça", coordenado pelo INIAV.

A Preocupação Sobre o Declínio do Coelho-Bravo

Em populações naturais estáveis de coelho-bravo, a elevada taxa reprodutiva é equilibrada por uma taxa de mortalidade elevada, podendo atingir mais de 80% nos primeiros anos de vida. Contrastando com o cenário em várias regiões do mundo, onde a espécie foi introduzida e exerce avultados danos na agricultura e biodiversidade locais, na Península Ibérica, região de onde é originária, a espécie coelho-bravo não foi poupada às consequências das mudanças drásticas de uso do solo e, particularmente, da (re)emergência de epizootias, tais como a

mixomatose e a doença hemorrágica viral (DHV), sendo atualmente considerada em crescimento negativo.

A distribuição do coelho-bravo em diferentes paisagens é influenciada por fatores abióticos e bióticos, tais como a topografia, altitude, dureza do solo e estrutura de habitat, clima, bem como a disponibilidade de alimento, geralmente proporcionada pela proximidade a áreas de práticas agrícolas tradicionais. Os mosaicos de zonas de mato e áreas abertas com vegetação herbácea proporcionam habitats favoráveis, com recursos alimentares adequados, e simultaneamente, abrigo e proteção contra predadores. No entanto, a fragmentação da paisagem, o abandono das principais atividades agrícolas tradicionais, e a contínua intensificação de monoculturas extensas, tais como a vinha e o olival, exerceram mudanças profundas no habitat favorável à proliferação do coelho-bravo, e consequentemente, na distribuição e tamanho das suas populações. A ação predadora de espécies introduzidas e a pressão cinegética têm também desempenhado um papel complementar na regulação das populações, devendo ser ajustadas enquanto medidas de gestão.

A DHV afeta o coelho doméstico e o coelho-bravo, tendo sido identificada pela primeira vez em Portugal, em 1987, no arquipélago da Madeira. Em 1988 e 1989, o vírus da DHV (RHDV) foi detectado no arquipélago dos Açores e no Continente, tendo-se tornado endémico nalgumas áreas. Em 2010, emergiu um novo genótipo, vulgarmente designado por RHDV2, que se disseminou rapidamente pelos países da Europa Ocidental e Central, substituindo rapidamente os genótipos clássicos anteriormente em circulação, que afetavam essencialmente indivíduos adultos, e passando também a causar doença e mortalidade entre os coelhos juvenis.

A emergência desta nova epizootia de etiologia viral, agravada pelas alterações climáticas que se fizeram sentir nos últimos anos, com períodos de seca excecional, têm regulado de forma significativa o tamanho das populações na Península Ibérica, comprometendo ainda mais o frágil equilíbrio da espécie, conduzindo à redução alarmante do número e tamanho de núcleos populacionais e/ou à extinção local, em determinados nichos ecológicos. Em resultado deste declínio acentuado, a espécie está classificada, desde 2008, como uma espécie Quase-Ameaçada, de acordo com os critérios da União Internacional da Conservação da Natureza (IUCN), figurando com esse estatuto no Livro Vermelho dos Vertebrados de Portugal.

O Grupo de Trabalho + Coelho e o Plano de Ação para o Controlo da Doença Hemorrágica Viral dos Coelhos

Das preocupações concertadas entre a tutela [(Ministério da Agricultura, Florestas e Desenvolvimento Rural (MAFDR)], as organizações do sector da caça e diversas entidades governamentais cujas missões se enquadram na garantia da sanidade animal, na conservação

¹ Instituto Nacional de Investigação Agrária e Veterinária, I. P. (INIAV, I. P.)

² Direção Geral de Alimentação e Veterinária (DGAV)

³ Instituto da Conservação da Natureza e das Florestas (ICNF)

⁴ Federação Portuguesa de Caça (FENCAÇA)

⁵ Associação Nacional de Proprietários Rurais, Gestão Cinegética e Biodiversidade (ANPC)

⁶ Confederação Nacional dos Caçadores Portugueses (CNCP)

⁷ Instituto de Biologia Experimental e Tecnológica (IBET)

* Investigadoras co-responsáveis do projeto +Coelho